



Luiz Henrique Proença Soares: metodologia inovadora para trabalho de fôlego que deve inaugurar uma série histórica

montar a tabela que quiser”, informa Luiz Henrique Proença Soares, diretor adjunto de Produção de Dados da Fundação Seade e coordenador da pesquisa.

Carência de dados

Ligada à Secretaria Estadual de Economia e Planejamento, a Fundação Seade produz e analisa informações no âmbito do Estado de São Paulo. Sempre se debateu com a falta de dados abrangentes confiáveis. “A produção de estatísticas esteve ancorada, no Brasil, nas últimas décadas, à realização de censos econômicos quinquenais pelo IBGE. Esse trabalho, contudo, parou em 1985. O próprio censo demográfico de 1990 foi adiado para o ano seguinte”, assinala Proença Soares. Não havia, portanto, parâmetros

para medir a atividade econômica, a partir de pesquisas de fôlego.

Não havia nada sistematizado nem mesmo sobre o impacto do processo de abertura da economia brasileira que levou as empresas a serem pautadas pela lógica da globalização. A Seade, através de sua *Pesquisa de Emprego e Desemprego*, domiciliar, só percebia mudanças no panorama do mercado de trabalho, com aumento nas taxas de desemprego e precarização das relações de trabalho. Faltava, entretanto, o lado das empresas, em princípio em plena ebulição, introduzindo novos procedimentos tecnológicos e formas de gestão e vivenciando transformações no seu próprio controle de capital. Nada se sabia, também, sobre a dinâmica regional do Estado de São Paulo.

A Paep trouxe luz a essas questões. O investimento global na pesquisa foi de R\$ 5 milhões. A FAPESP desembolsou R\$ 1,1 milhão, além de participar ativamente da elaboração da metodologia do trabalho, desenhada a partir de 1992. A Finep colaborou com US\$ 500 mil. O trabalho, ao longo de todas as etapas, teve mais de 600 colaboradores, a maioria envolvida nos trabalhos de campo. Os dados têm como ano-base 1996, considerado ano de ouro do Real. Interessante, portanto, como ponto de referência, já que o objetivo da Seade é inaugurar uma série histórica, com levantamentos de quatro em quatro anos. Este primeiro foi concluído em dezembro de 1998. O próximo deve sair em 2002.

Indústria e comércio

A pesquisa, por amostragem, estima que a economia paulista apresentava em 1996 um universo com 41,4 mil empresas industriais com mais de cinco pessoas ocupadas e 359,3 mil comerciais — ambos os segmentos empregando, cada um, cerca de 2 milhões de pessoas. Na indústria, a ocupação se concentra nas empresas de grande porte. Aquelas com 1.000 funcionários ou mais empregam 26,5% da mão-de-obra industrial, ao contrário do que acontece no comércio, onde 76,1% da mão-de-obra está em pequenas lojas, de até 29 funcionários (observe tabela *As que mais empregam*).

Na estrutura industrial paulista, indica a Paep, “prevalcem altos graus de concentração do valor de produção nas grandes empresas dos principais gêneros, que basicamente conformaram a matriz do desenvolvimento paulista nos anos 60 e 70”. Ao mesmo tempo, a pesquisa constatou o aumento do já alto grau de heterogeneidade estrutural desse parque industrial, em grande parte decorrente do “esforço inovador associado às imposições ditadas pela competição advinda, em grande medida, da abertura comercial pós-1990”.

Metodologia inovadora

Para realizar uma pesquisa tão abrangente como a *Pesquisa da Atividade Econômica Paulista – Paep* foi preciso criar metodologia própria, que permitisse medir a atividade econômica, qualificar o processo de reestruturação produtiva e dar insumos para uma análise regional do Estado de São Paulo. O trabalho foi realizado com a ajuda decisiva da comunidade científica. A formatação dos questionários contou com contribuições da Universidade de São Paulo, USP, da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, entre outras instituições de ensino. Entidades sindicais patronais também ajudaram decisivamente, em especial na checagem das questões e na formulação mais adequada para entendi-

mento do empresário. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Fiesp, por exemplo, auxiliou até na localização de determinadas empresas.

Na estrutura de campo, trabalharam mais de 500 pesquisadores, durante um ano. Havia questionários especiais para a indústria da construção civil e questões especialmente formuladas para a extração de dados específicos da agroindústria que, no caso de São Paulo, é uma atividade importante. As entrevistas eram pré-agendadas e, na data, o pesquisador ia até a empresa, instalava os disquetes ou deixava o questionário em papel, dando os esclarecimentos necessários. As empresas tiveram, em média, uma semana para responder, porque algumas perguntas exigiam informações

dos contadores, engenheiros de produção e outros executivos. Foi montada uma estrutura de retaguarda para esclarecimento de dúvidas através de Internet, fax e telefones, além de cinco escritórios operacionais no interior do Estado, em áreas cedidas por parceiros.

A opção de disponibilizar as informações não em tabelas, mas no formato CD-ROM, é para ampliar a possibilidade de uso da base de dados. O produto pode ser comprado na Fundação Seade (Av. Cásper Líbero, 478, telefone 227-9788). Há, inclusive, um glossário metodológico que, impresso, tem mais de 300 páginas. Se houver interesse em apenas um dos segmentos estudados, há versões por setor (a completa, custa R\$ 250; a da indústria, R\$ 150; a do comércio, R\$ 75; a dos serviços, R\$ 75; e a dos bancos, R\$ 40).